



CÂMARA MUNICIPAL DE PIRASSUNUNGA

Rua Joaquim Procópio de Araújo, 1645 - Tel. (0195) 61-2681 - FAX 61-2811

ESTADO DE SÃO PAULO

REQUERIMENTO

Nº 14/96

Senhor Presidente,

Nobres Pares,

APROVADO
Providencie-se a respeito
Sala das Sessões, 06 de 02 de 96
PRESIDENTE

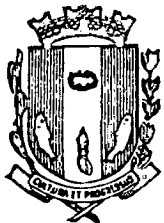
Recebi no Jornal "O MUNICÍPIO" o excelente Suplemento Especial sobre a vida e a obra do Padre **DONIZETTI**.

O Jornal, da cidade de São João da Boa Vista, através de seu Diretor Joaquim Candido de Oliveira Neto fez publicar e veicular no dia 23 de dezembro, a espetacular matéria.

Conforme anuncia aquele Jornal, o PE. **DONIZETTI** poderá ser o primeiro beato nascido no Brasil a ser reconhecido pelo Vaticano como Santo.

A Secretariá Prō-Beatificação criada especialmente para operacionalizar o processo de beatificação, tem trabalhado incessantemente para o sucesso da empreita.

Destacamos assim, o belo trabalho do Jornal "O Município" alusivo a matéria, especialmente pela



CÂMARA MUNICIPAL DE PIRASSUNUNGA

Rua Joaquim Procópio de Araújo, 1645 - Tel. (0195) 61-2681 - FAX 61-2811

ESTADO DE SÃO PAULO

fls.02

composição e fotolito, montagem e arte final.

Como sempre, o Jornal "**O MUNICÍPIO**" tem trazido inúmeras matérias de interesse regional, fazendo eco aos clamores da população Sanjoanense e de outras localidades, através de um trabalho sério, de pesquisa e informação ao leitor.

Novamente, **REQUEIRO** pelos meios regimentais, fique consignado nos anais de trabalho da presente sessão, votos de congratulação ao Jornal "**O MUNICÍPIO**" na pessoa de seu Diretor **JOAQUIM CANDIDO DE OLIVEIRA NETO** pelo trabalho frente ao Jornal e especialmente pelo Encarte de dezembro, Suplemento Especial sobre **PE. DONIZETTI**.

Requeiro ainda, seja dado conhecimento ao Jornal "**O Município**" bem como ao Pe. **OTÁVIO DORIGON**, da Paroquia Central, Prefeito Municipal de Tambão(SP) e ao nosso historiador, Prof. Dr. **MANUEL PEREIRA DE GODOY**.

Sala das Sessões, 05 de fevereiro 1996

José Isidoro de Oliveira
Vereador

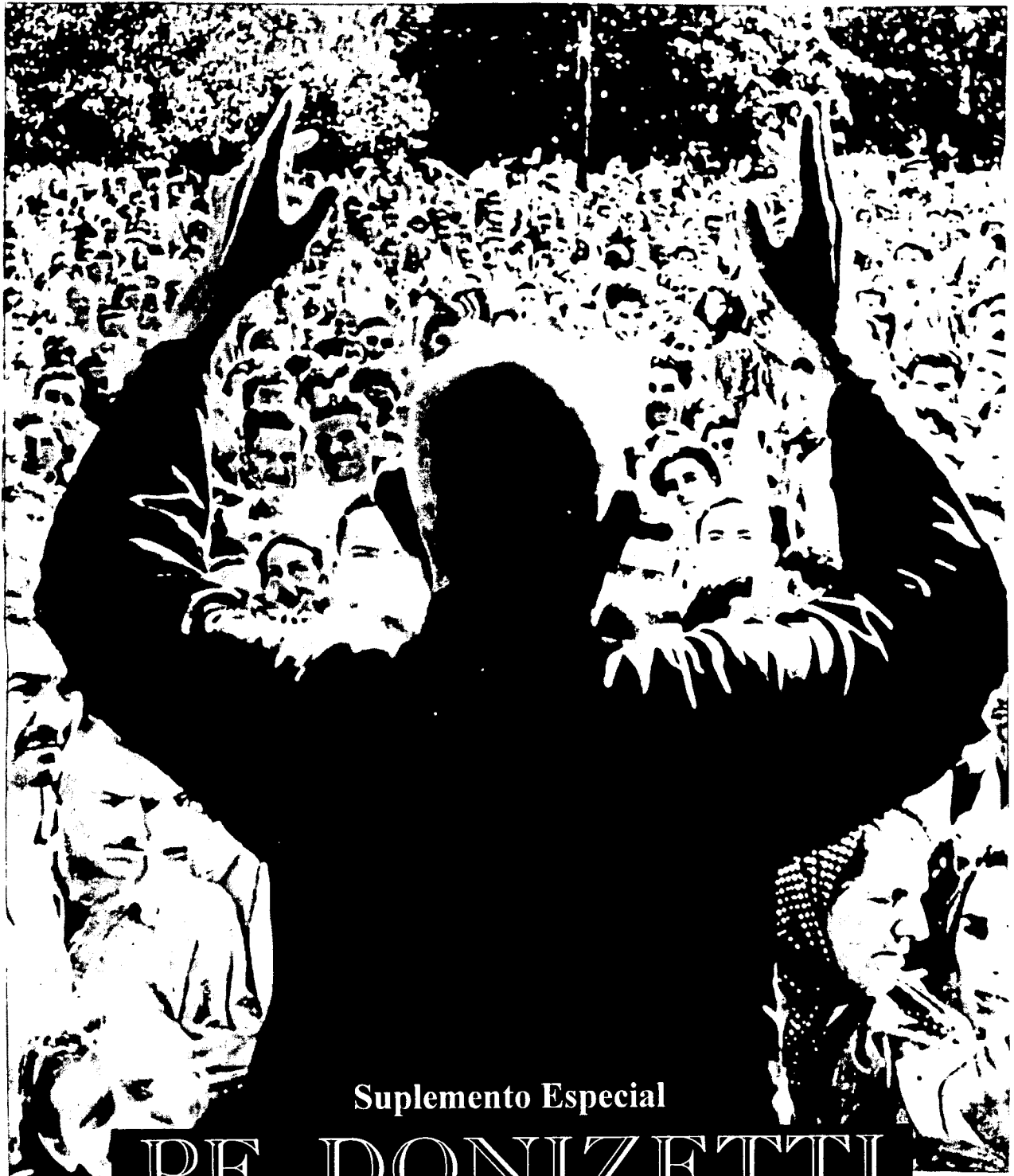
Natah Pombal

José Isidoro de Oliveira
Manuel Pereira de Godoy

Roberto

O MUN C P O

Diretor: Joaquim Candido de Oliveira Neto São João da Boa Vista SP 23 de Dezembro de 1995 nº 7231



Suplemento Especial

PE. DONIZETTI



Pe. Donizetti celebrando uma missa na escadaria da Igreja São José.

Com a abertura do Processo de Beatificação do Pe. Donizetti, pela Diocese de São João da Boa Vista, as pesquisas se avolumaram, trazendo em evidência o mais famoso taumaturgo do Estado de São Paulo.

Pe. Donizetti poderá ser o primeiro beato nascido no Brasil, reconhecido pelo Vaticano.

Nos anos 50, os meios de comunicação de todo país - jornal, revista, rádio, televisão, cinema - se apoderaram do fato, registrando, ou até promovendo, a maior concentração de pessoas nunca vista antes na pequena cidade de Tambaú.

Mais de 34 anos se passaram após a morte do Pe. Donizetti e inúmeras caravanas de peregrinos ainda aportam em Tambaú. É difícil imaginar a diassociação dos nomes da cidade e do Padre.

A sua influência vai muito além. Um exemplo é a perpetuidade de seu nome (pouco comum, inspirado no sobrenome de um compositor italiano), adotado pelos devotos para batizarem seus filhos: no masculino e no feminino, nas variações Aparecida Donizetti, Donizetti Aparecido... Quantos Donizettis circulam por esse "mundão de Deus"?

A proposta do tema para este Suplemento nos parecia conseguir "amarrar" uma rica biografia. Mero engano! Muito se tem para coletar. A Secretaria Pró-Beatificação já reuniu centenas de depoimentos e continua o trabalho com admirável metodologia.

Este levantamento é um mecanismo de infinitudes, onde cada dado torna-se uma chave de novas surpresas.

Portanto, a elaboração do Suplemento não teve a pretensão de esgotar um assunto tão apaixonante. Optamos, sim, por introduzir o leitor num panorama retalhado de fontes, onde as imagens da fé conseguem falar mais alto.



Primeiros Anos

Donizetti Tavares de Lima nasceu em Santa Rita de Cássia - MG, em 3 de janeiro de 1882.

Seu pai, Tristão Tavares de Lima, era advogado e sua mãe, Francisca Cândida Tavares de Lima, era professora primária.

Donizetti teve oito irmãos: Tristão, engenheiro; Bellin, dentista; Mozart, professor e maestro no Colégio Caetano de Campos; Verdi, professor em Casa Branca; Moberto, professor no Colégio Estadual de Itapetinga; Coleta, professora de violino em Ribeirão Preto; e Rita de Cássia, fazendeira em Cabo Verde - MG.

Em 1886, a família Tavares foi morar em Franca - SP, onde Donizetti fez o curso primário.

Aos 12 anos (1894), matriculou-se no curso preparatório do antigo Seminário Episcopal de São Paulo. Lá foi organista, lecionando música aos seminaristas para manter seus estudos.

Em 1897, Donizetti foi chamado pelo vigário de Franca, para tomar parte nas solenidades da Semana Santa, como organista. Nestas comemorações estava presente o Bispo Dom João Batista Nery, o qual apreciou tanto os seus talentos musicais que o convidou a ir com ele para Vitória - ES, onde o bispo estaria iniciando seu episcopado. Por ser muito jovem, 15 anos na época, sua mãe impediu-o de ir. Entre 1897 e 1900, Donizetti cursou o Colégio do Monsenhor João Soares, em Sorocaba. Logo após, retornou ao Seminário de São Paulo, contratado como professor e organista. Frequentou, na época,

o curso preparatório da Faculdade de Direito, no Largo São Francisco.

Em 1903, resolveu seguir a carreira sacerdotal, matriculando-se no curso de filosofia do Seminário. Nesta ocasião, D. Nery foi transferido para Pouso Alegre e, novamente, convidou o então seminarista Donizetti para completar seus estudos no Seminário daquela Diocese.

Em Pouso Alegre, no dia 12 de julho de 1908, num domingo, o diácono Donizetti foi ordenado sacerdote pelo Bispo Dom Nery.

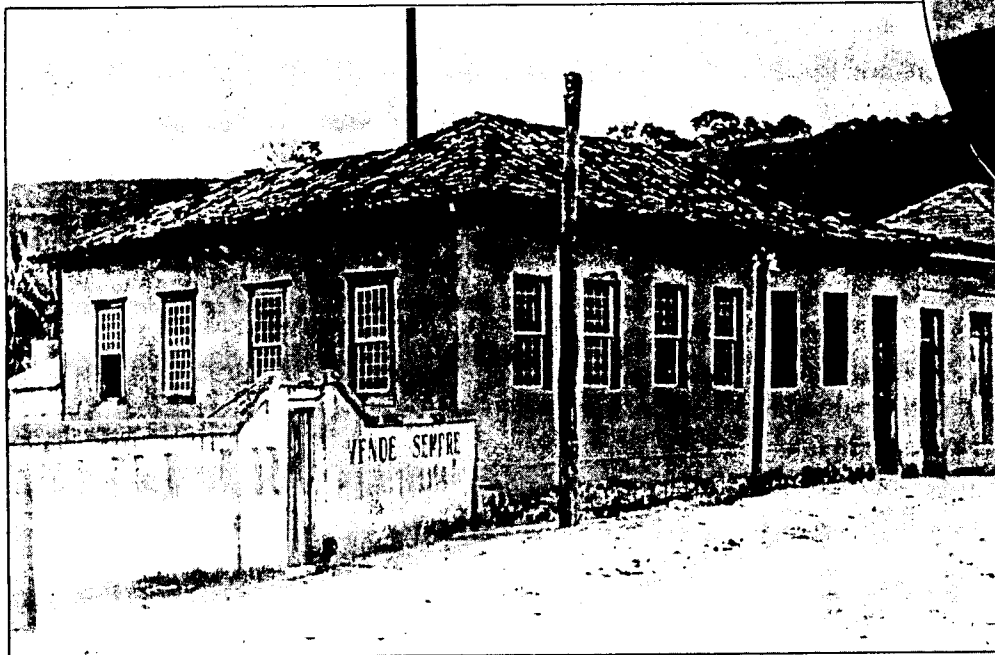
Com a criação da Diocese de Campinas, em 7 de junho de 1908, Dom Nery foi nomeado primeiro bispo, levando junto o recém-ordenado. No mesmo ano, Pe. Donizetti foi nomeado Vigário de Jaguary (atual Jaguariúna).



O Pai
Tristão Tavares de Lima



A Mãe
Francisca Cândida
Tavares de Lima



A casa onde nasceu, em
Santa Rita de Cássia - MG.



Sant'Ana de Vargem Grande

Pe. Donizetti foi transferido para a Diocese de Ribeirão Preto (criada em 7 de junho de 1908), como Vigário da Paróquia de Sant'Ana de Vargem Grande, hoje Vargem Grande do Sul, em 3 de abril de 1909. Tomou posse em 28 de abril. Donizetti mudou-se para Vargem, juntamente com sua família. Seus pais faleceram em 1921 e foram sepultados no cemitério local.

Atividades Pastorais

Trabalhou durante 16 anos, exercendo extraordinária liderança. Construiu a Igreja Matriz de Vargem Grande, as capelas Nossa Senhora Aparecida e São Benedito.

Pe. Donizetti aliou-se aos operários para ter como adversários os que eram contrários às ambições dos humildes.

O seu clube de futebol era o dos operários, a sua banda de música era a dos operários e, portanto, a sua política era também a dos operários. Defendia, assim, todos os direitos da classe dos humildes, com "unhas e dentes".

A banda de música foi criada na década de 10 e inaugurada, oficialmente, em 7 de setembro de 1917. Seu nome exato era "Corporação Musical Operária Sete de Setembro", porém era conhecida popularmente por "Banda do Padre Donizetti". A banda nasceu do time de futebol, também chamado "Time do Padre Donizetti", fundado em 1910. Todos os "craques" sabiam tocar algum instrumento.

A fim de proporcionar serviço à banda, o Pe. Donizetti conseguiu levá-la a fazer a propaganda do "Theatro Cine Internacional", porque o cinema dos ricos, o "Carlos Gomes", já possuía a banda "Carlos Gomes".

Às vezes, a corporação sofria ameaças de desaparecimento, mas o Padre Donizetti criava sempre meios para que ela sobrevivesse: quermesses, festas, novenas, procissões e outros atos religiosos. Padre Donizetti tornou-se mais dono da banda do que os próprios músicos. Ele era o seu fiel patrono e, como também era excelente músico, não faltava aos ensaios.

Um padre acusado de comunista

"Depois da Revolução de 1924, em São Paulo, Padre Donizetti sofreu muito com os políticos locais. Ele sempre procurou orientar o povo no tempo das eleições. A maioria da população era da lavoura. Esta situação favorecia muito o trabalho do vigário, dado o seu prestígio. Ele dizia:

'Nada de partidarismo. Precisamos de união e paz entre as famílias. Precisamos seguir os ensinamentos de Cristo.'

Pregava o bem comum como critério para a escolha de políticos. A firmeza e a coragem em defender o povo fez o Padre Donizetti ter muitos inimigos, os que apenas pensavam em se aproveitar da boa fé do povo.

E foi então acusado por um grupo de políticos como

'um padre irreverente e um revolucionário popular'. Conclusão: Padre Donizetti foi forçado a sair de Vargem Grande pela sua defesa incondicionada do direito dos pobres e menos favorecidos.

Alguns fazendeiros ricos e políticos aproveitadores criaram uma tal situação que, em 1926, o Bispo de Ribeirão Preto transferiu o Padre Donizetti, para que este não sofresse tanto."

Antonio Haddad, *Padre Donizetti...*, p. 18.



Pe. Donizetti em 1909.



Pe. Donizetti ao lado do Bispo D. Nery, em 1909.



No tempo do Pe. Donizetti...

"Quando nos conhecemos por gente, lá pelos 4 ou 5 anos de idade, o Padre Donizetti já rezava missa em nossa igreja. Vargem Grande ainda não era cidade.

O bom amigo e compenetrado religioso conduzia com facilidade as ovelhas para o templo de sua eterna glória. No seu grande coração, onde todo mundo tinha um lugar, ainda cabiam todas as crianças e todos os pobres.

Ele chegou a ter muitos coroinhas. Toda criança ambicionava ser 'nomeada' para essa função, tendo como objetivo principal o de conviver mais tempo ao lado do 'Amigão'. Certamente, seria esse um dos bons motivos para que ele vivesse rodeado de coroinhas, auxiliares de catecismo e muitas crianças, talvez da cidade toda.

Ele era, com toda a permissão de Deus, um pai da criança vargengrandense. Bastava encontrá-lo nas ruas ou em qualquer outro lugar, para a festa começar e ele se abrir em sorrisos. Chamava a todos de meu filho, minha filha. Distribuía muitos abraços, muito humor, muita brincadeira, muito amor.

Não raramente, Padre Donizetti abria a caixa de esmolas da igreja e repartia o dinheiro para a meninada do catecismo. Outras vezes, dava ordem para suspender as aulas e, formando uma fila única, levava o pessoalzinho para assistir o espetáculo do circo, que estava armado ali ao lado da igreja. Padre Donizetti participava sentando-se no meio da turminha, lá na arquibancada, rindo, batendo palmas. Mas a sua preocupação não era a de bater palmas para o trapezista, nem rir do palhaço. Era, isto sim, a de ficar olhando com muita atenção para aqueles rostinhos e descobrir a alegria que tomava conta dos seus inocentes corações. Ria com intenso júbilo quando via a criança rir, gargalhar ou bater palmas. Quando passava o garoto dos pirulitos, comprava um para cada um. Enquanto a turminha se deliciava com o sabor de mel dos pirulitos (eram, mesmo, feitos de mel) e se divertiam com o espetáculo, Padre Donizetti fumava o seu cigarro de palha (detestava cigarros de papel).

O próprio Padre chegava a idealizar e organizar o espetáculo do circo, de comum acordo com o dono, a fim de proporcionar um espetáculo à alegria de suas crianças. Programava até a música, já que era um excelente músico.

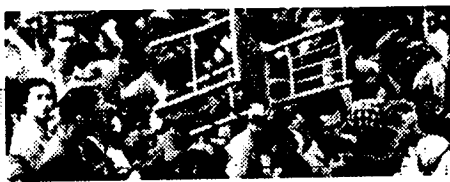
Certa vez, um pequeno boi fugiu do picadeiro, sumindo pelos arredores da cidade. Houve um pequeno reboliço, mas o comando do padre garantiu um imediato retorno à normalidade. E o espetáculo continuou..."

Benedito Bedin

(80 anos, vargengrandense, foi um dos coroinhas do Padre Donizetti)



Pe. Donizetti rodeado por coroinhas, em frente a Matriz de Vargem Grande, 1922. Foto de Virgílio Forlin.



Um episódio...

"Padre Donizetti tomou o partido dos pobres, porque estavam eles a mercê da política dos ricos, sem um protetor para defendê-los. Tomou a si o encargo de reivindicar para eles melhores condições de vida. [Isso não quer dizer que os políticos não faziam nada por Vargem Grande. Pelo contrário, a cidade recebeu muitas melhorias na década de 20, talvez a época mais áurea de Vargem Grande do Sul, impulsionada pela economia do café.] Os costumeiros ataques passaram a ser uma guerra fria. Rapidamente a temperatura sobe. Ataques pelo jornal da política situacionista, defesas do padre, que passou a ser 'pessoa não grata' para o pessoal do lado de lá. Certa vez, um motorista de Casa Branca havia ido a São João da Boa Vista, a fim de conseguir um remédio. O caminho para São João e Casa Branca era, obrigatoriamente, feito por dentro de Vargem Grande. Não existia outro meio. Na volta, o motorista teve necessidade de reabastecer o carro e a única bomba de gasolina era a do Vicente Pólito, instalada pela Atlantic, na calçada em frente ao seu bar (Bar Rio Branco). Mas o motorista entrou na cidade com o escapamento aberto e, na época, escapamento aberto só era permitido nas estradas. O fiscal da prefeitura apareceu e multou-o em 40 mil réis e, embora o motorista provasse um defeito no sistema do escapamento, o fiscal não cedeu. A multa estava aplicada e deveria ser paga ali, no ato (isso era vigente na ocasião). O motorista não tinha o dinheiro, motivo este que o fiscal não levou em consideração. Aparece o padre Donizetti, que assumiu a responsabilidade pelo pagamento da multa, com o que o fiscal também não concordou,

alegando estar cumprindo ordens do prefeito.

Pessoas se achegavam e o calor da controvérsia aumentava.

A certo ponto, o padre sobe numa cadeira que estava ao lado e com a veemência que lhe era peculiar, falou o que sentia. Lamentou a orientação da política do prefeito que não dava crédito de 40 mil réis ao padre da cidade. Nesse instante, muitos 40 mil réis saíram dos bolsos dos circundantes, que agitavam o dinheiro com as mãos para o pagamento da multa, mas o fiscal já havia se retirado temeroso, para ir se queixar ao prefeito.

O prefeito chama o delegado de polícia para prender o padre, no que não foi atendido. Recorre, então, à comarca de São João da Boa Vista, mas nada conseguiu. Apelou para São Paulo e também não obteve êxito. Recrudescem, então, os ataques pelo jornal da política situacionista. O padre se defende e defende o assustado motorista de Casa Branca, que não podia imaginar tanta confusão por causa de um escapamento aberto. A multa não foi paga e o padre conquista, além da aclamação de mais um triunfo, também um ponto negativo a mais na escala dos seus adversários."

Benedito Bedin

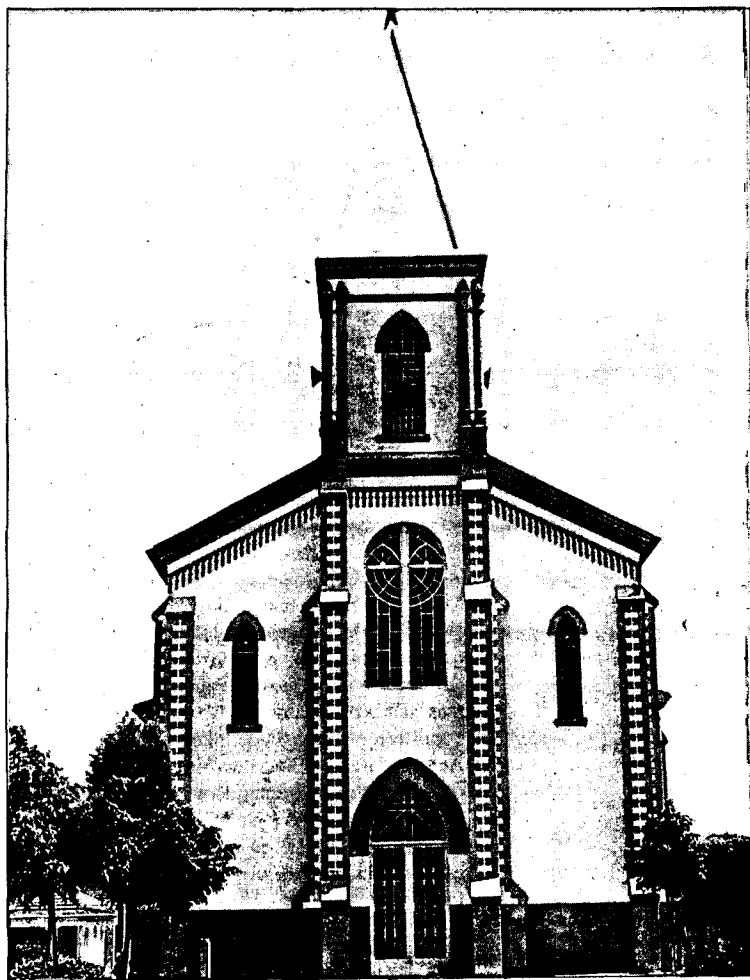
A Despedida

"Os ânimos se aquecem e um longo abaixo assinado foi para as mãos do bispo de Ribeirão Preto, pedindo o afastamento do padre de nossa paróquia. E foi o que aconteceu. Padre Donizetti anunciou sua despedida. Por medida de segurança, veio à Vargem Grande até um destacamento policial de São João da Boa Vista. Após uma solenidade religiosa, o padre iniciou o seu enérgico pronunciamento, num púlpito instalado à porta da antiga Igreja de São Benedito. Defendeu mais uma vez seus fiéis amigos numa demorada e veemente atitude, desafiando corajosamente seus opositores: 'Eu sei que aí no meio existem muitos amigos, mas, também, muitos inimigos.' Ele abriu a batina e mostrou o peito: 'Podem atirar!' Após o desassombrado desafio que lançou e não obtendo reação alguma, de quem quer que fosse, depois de uma breve pausa, disse: 'Aqui não estão. Leões como são, se aqui estivessem, estariam urrando...' Para terminar, disse: 'Aos pobres deixo minhas bênçãos e aos que me perseguiram deixo a Justiça de Deus.' Dos que assinaram o pedido para mandá-lo embora da paróquia e de nossa cidade, muitos se arrependeram. Aliás, muitos foram 'forçados' a assinar. Um novo abaixo assinado foi feito, desta vez pela sua turma amiga e por alguns de seus adversários e signatários do primeiro abaixo-assinado, por sinal de quase toda a população, pedindo o seu retorno. Ele agradeceu e recusou-se a atender o pedido. Muitos de seus detratores foram a Tambaú, ajoelharam-se aos seus pés pedindo-lhe perdão. Ele não negou o perdão a ninguém, acolhendo a todos, religiosamente."

Benedito Bedin



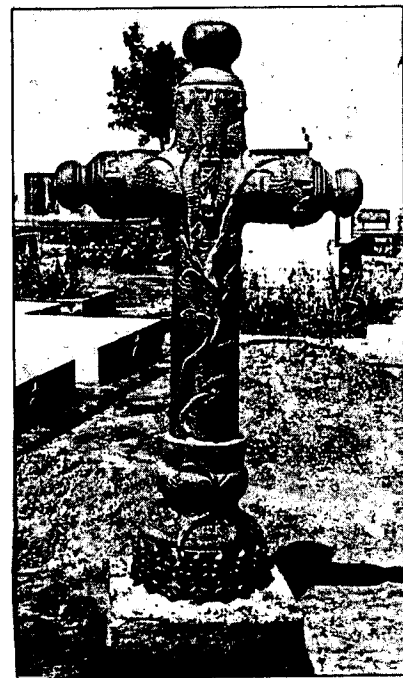
Tambaú



Igreja Matriz de Tambaú, reconstruída após o incêndio de 1929.

Na tarde de 12 de junho de 1926, Padre Donizetti tomou posse como Vigário da Paróquia de Santo Antonio, em Tambaú - SP, onde permaneceu por 35 anos, isto é, até a sua morte. Assim o próprio Padre Donizetti relatou no livro de Tombo da Paróquia:

“A vinte e um de junho de mil novecentos e vinte e seis, chegou às mãos do Padre Donizetti Tavares de Lima, Provisão de Vigário de Tambaú, por seis meses, isto é, até 31 de dezembro de 1926 se antes não fôr mandado em contrário pela autoridade diocesana, tendo sido expedida a 19 de junho deste ano, registrada na Cúria a fls. 110 do livro competente, assignada pelo Ilmo. e Revmo. Sr. Padre Buget de mandado do Exmo. e Revmo. Sr. Vigário Geral da Diocese.”



Cruz tumular em cerâmica vidrada
Cemitério de Tambaú.

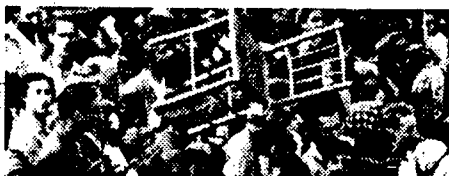
A cidade

Nesta época, Tambaú tinha três mil habitantes na cidade e cinco mil no município. Era pouco conhecida no Estado e apenas servida pela estrada de ferro da Cia. Mogiana. Ainda não havia ônibus para outras cidades, pois a estrada de rodagem era muito precária. Tambaú já era considerada um dos maiores centros industriais cerâmicos da América Latina, com 43 fábricas. Nos anos 50, espalhavam-se pela cidade 22 fábricas de telhas, 2 de manilhas, 5 de

vasos e de louças, 2 de ladrilhos e 1 de estuque.

Tambaú era chamada a “cidade das chaminés fumegantes”. Ainda hoje se vê inúmeras chaminés de tijolos aparentes, pontilhando o centro urbano.

Nos anos 20, a cerâmica tambauense teve seus dias de glória. Boa prova da qualidade desta produção são as cruzes tumulares remanescentes no cemitério local, feitas de manilha vidrada e rebuscadas por relevos.



Um homem simples e franco

Pe. Donizetti impressionou o povo de Tambaú pela sua sinceridade e pela sua franqueza. Ele não titubeava em dizer o que pensava. Tinha uma inteligência rápida e um raciocínio instantâneo.

Não tinha preconceito contra as pessoas. Ele se dava bem com todos, mas tinha especial predileção pelos pobres. Na cidade exercia uma autoridade moral muito forte. Sua voz era sempre ouvida e acatada por todos. Vivia andando pelas ruas da cidade, conversando muito com o povo. Era um homem que gostava de ler jornais todos os dias. Estava sempre atualizado quanto aos acontecimentos do Brasil e do mundo. Tinha uma vasta biblioteca, e sempre aberta à população. Na sua preocupação pelos mais pobres, adquiriu terrenos e casas, visando obras sociais para o futuro.

Fundou o Asilo "São Vicente de Paulo", para velhos e indigentes. Construiu um grupo de casinhas, com sala, dois quartos e cozinha. Lá, formou um pomar, com muita manga, jaboticaba, laranja, banana...

Para a construção do asilo, contou com a ajuda dos fazendeiros e do povo, através de mensalidades. Houve momentos em que o Padre Donizetti passou necessidades, para sustentar o asilo, mas nunca deixou faltar mantimentos e remédios.

Ainda nos anos 30, para socorrer as vítimas de tétano e moderadura de cobras, foi diretamente ao Instituto Butantã, em São Paulo, e fez uma proposta:

"Eu lhes mandarei cobras, aranhas e sapos venenosos e os senhores me darão soro anti-ofídico e injeções anti-tetânicas."

O pacto foi firmado por longo tempo. Em Tambaú, sempre havia um estoque de ampolas contendo os antídotos e a população vivia andando cobras, aranhas, sapos, embarcando semanalmente, na Mogiana, uma caixa de bichos para São Paulo.

Pe. Donizetti era também responsável pela Associação de Proteção à Maternidade e Infância de Tambaú, a qual abrigava um grupo de crianças abandonadas. Até a Banda de Música da cidade foi uma realidade, graças à sua habilidade musical e ao grande incentivo que deu.



Pe. Donizetti entre a dupla sertaneja Tônico e Tinoco.

Atestado de Pobreza

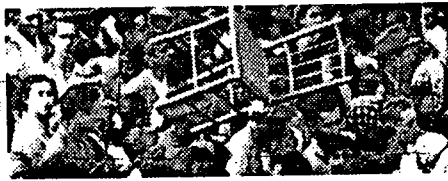
Pe. Donizetti tinha uma vida de pobre. Não se apegava às coisas. Em sua casa tudo era simples e possuía apenas o indispensável. Tudo o que lhe doavam era destinado aos mais necessitados, não guardava nada para si. Levava uma vida sóbria e austera. Vestia batinas surradas, dadas pelo próprio povo, um chapéu preto e sapatilhas. Sabendo que a evangelização alcançava os frutos através da penitência, muitas vezes dormia no chão.

Segundo depoimento de seu sobrinho, Dr. Mozart Tavares de Lima Filho, Pe. Donizetti fez voto de pobreza desde o início de sua carreira. Existe um atestado de pobreza dado pelo delegado de polícia, Luiz Gonzaga Belluzzo, de 10 de janeiro de 1945:

"Atesto, para os devidos fins, que o Padre Donizetti Tavares de Lima, Vigário da Paróquia de Tambaú tem sua vida inteiramente devotada à pobreza, nada possuindo para si."

Atividades pastorais

Pe. Donizetti tinha uma intensa atividade pastoral. Dedicava-se inteiramente à sua comunidade, orientando e ajudando os pobres, confortando os aflitos, animando as famílias, assistindo aos doentes, organizando festas religiosas, administrando os sacramentos e celebrando missas nas comunidades rurais. Como ocorria em Vargem Grande, ele estava quase sempre rodeado por crianças e jovens, incentivando as vocações sacerdotais, principalmente através de seu exemplo. Logo que o Pe. Donizetti chegou a Tambaú, acabou com o privilégio dos ricos dentro da Igreja. Mandou acabar com os bancos reservados na Igreja para as famílias ricas, que tinham feito doações. Isso irritou muitas famílias que se vangloriavam vendo seus nomes nos bancos da Igreja.



Novas Acusações



Pe. Donizetti foi novamente perseguido e acusado de comunista, agora em Tambaú.

Sua defesa quanto aos direitos dos pobres, dos operários, dos colonos e dos necessitados incomodava os poderosos, os quais chegaram a denunciá-lo como comunista.

Havia diversas pessoas que eram contra suas ações e idéias. Pe. Donizetti, com sua sinceridade e energia, cobrava das pessoas mais ricas para que ajudassem seu semelhante. Se o fazendeiro estivesse maltratando seus empregados, ele ia na própria fazenda cobrar.

Pe. Donizetti não perdeu a calma diante do fato, e dizia:

“Não se preocupe, pode deixar que Nossa Iora vai me defender na hora precisa.”

Quase foi preso, mas saiu livre de todas as acusações.

“Para o Padre Donizetti a defesa dos oprimidos era um imperativo. Levantava a voz contra os patrões que atrasavam o pagamento do salário dos empregados. Até no púlpito ele falava contra os tais ‘pagamentos com ordem’ que ele considerava um verdadeiro roubo. Era um ‘vale’ dado pelos patrões obrigando os assalariados a comprar em determinadas casas de comércio. E o prejudicado era sempre o pobre. Padre Donizetti tomava suas dores e era porta-voz de seus direitos

fundamentais. Para ele, todo mundo tinha direito a um salário digno. (...)

Alguns achavam que o Padre Donizetti era comunista, simplesmente porque ele apoiava os pobres. E quem assim o caluniava eram justamente os ricos e políticos que tinham medo de que o povo levantasse a voz.”

Antonlo Haddad, *Padre Donizetti...*, 1980, p. 42.

Maria Isaura Pereira de Queiroz tentou investigar as causas dessas acusações, com alguns moradores de Tambaú, durante a Grande Romaria de 1955:

“A primeira referência política ao Padre data da Revolução de 1930; nessa época, no município de Tambaú, dominado por velhos perrepistas, foi revolucionário, o que era demonstrar coragem. Vitoriosa a Revolução, fosse para festejá-la, fosse para patentear aos perrepistas a derrota que estavam sofrendo, fazia o povo cantar dentro da Igreja, terminada a missa, o ‘Hino a João Pessoa’. Os velhos chefes perrepistas ganharam-lhe grandê rancor.

Em seguida, as manifestações de que tivemos notícia não foram propriamente políticas, mas deram lugar ao processo que sofreu. É que Pe. Donizetti, surgindo uma questão entre operários e patrões, entre colonos e fazendeiros, tomava

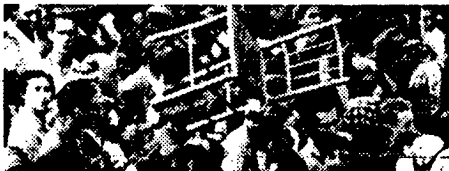
imediatamente o partido dos operários e dos colonos, sem indagar da justiça ou não da causa que estava esposando. Esta atitude não era para lhe grangear a estima da classe dominante local. Aliás, fora atitude idêntica que dera lugar à sua remoção de Vargem Grande para Tambaú: os graúdos de Vargem Grande não queriam mais vê-lo nem pintado.

Não conseguimos pormenores do processo em que o acusaram de comunista, e que foi remetido para o Tribunal de Segurança Nacional a 27 de junho de 1941: a gente do lugar não gosta de rememorar-lo. A absolvição foi dada por unanimidade de votos a 18 de março de 1942.

Asseveraram informantes da cidade que a acusação fora desprovida de base, constituindo um ato de arbitrariedade do então delegado local contra o Vigário.

Mas sucedeu que das testemunhas do processo, duas morreram subitamente pouco depois; uma terceira e o delegado que o causara, não tiveram mais sossego, as dificuldades se amontoaram em suas vidas: espalhou-se a convicção de que ‘não era bom’ ser adversário do vigário, e só pessoas de espírito realmente forte continuaram a mostrar-se contrários a ele.”

“Tambaú, cidade dos milagres”, *Anhemi*, nº 59, Outubro 1955, p. 277.



A Grande Romaria

A partir da Grande Romaria de 1955, que se prolongou por cinco meses, de janeiro a maio, Tambaú se transformou em um novo lugar santo de peregrinações.

O Pe. Donizetti assumiu a Paróquia de Tambaú, em 1926, onde permaneceu até o final de sua vida. Mas somente no final de 1954, é que o Pe. Donizetti começou a impressionar a cidade e as pessoas que vinham de fora, com seus milagres. A notícia se espalhou rapidamente. A partir de então, multidões rumam para Tambaú em busca de curas para seus males.

Alguns afirmam que Tambaú chegou a receber 200 mil pessoas de uma só vez. Na época, a cidade não tinha nenhuma infraestrutura urbana para receber tanta gente. A zona urbana contava com 35 ruas, três praças, 693 casas e 4.500 habitantes. Tambaú possuía uma Santa Casa bem instalada, porém pequena como convinha às necessidades locais; um Posto de Puericultura e um Posto de Assistência Médico-Sanitária; mas tinha apenas dois médicos, que dividiam entre si todo o serviço da cidade.

A população local passou a se preocupar com uma possível epidemia, pois grande parte dosromeiros portavam doenças transmissíveis tais como lepra, tuberculose, fogo selvagem e outras. O ex-Governador de São Paulo, Adhemar de Barros, encaminhou a Tambaú 12 limpadores de rua a pedido da população. Isto não era suficiente para evitar uma epidemia.

A cidade esvasiara-se de mantimentos e sofria com o racionamento de água.

Pressentindo o caos que poderia ocorrer em Tambaú, Pe. Donizetti providenciou o fim da Grande Romaria, esperando que o tempo e sua esclarecida orientação fossem sistematizando a peregrinação à cidade. O próprio Padre recomendava aos fiéis que retornassem às suas casas, logo após as bênçãos. Em uma de suas prédicas, em 14 de maio de 1955, às 9 horas, Pe. Donizetti condenou o fanatismo. E quando o povo começou a erguer as garrafas para a bênção, gritou em voz tonitroante:

"_ Abaixem tudo! Não ergam as garrafas! Isso é fanatismo e fanatismo é coisa muito feia!"

E pôs-se a gritar:

"_ Afastem-se! Afastem-se! Tem gente morrendo sufocada aqui na minha frente! Vão embora! Desapertem! Saiam da Praça! Já tomaram a bênção; não têm mais o que fazer aqui! Vão embora! E nem fiquem em Tambaú: vão direto para suas casas! Tomem já o trem das 10 e meia! Não veem que Tambaú não comporta tanta gente?"

Porém, o movimento religioso em Tambaú não

cessou. Nem mesmo "a última bênção" do Padre Donizetti, encerrando a Grande Romaria, conseguiu impedir a leva contínua deromeiros, que diariamente chegavam à cidade. No final dos anos 50, a cidade continuou sendo visitada por caravanas deromeiros, diariamente, porém, mais organizadas.

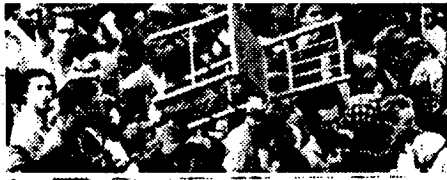
Em 30 de maio de 1955, quando já havia declarado o fim da Grande Romaria (a última bênção), Pe. Donizetti foi homenageado com uma "Chuva de Rosas", derramada sobre a cidade por vários aviões. O fato foi tema dos filmes-documentários "Rosas no Céu, Milagres na Terra" e "A última bênção em Tambaú".

Cidadão tambauense e paulistano

O povo insistia nas homenagens ao padre, agora conhecido em todo país e até no exterior. O prefeito municipal de Tambaú, José Gatto, conferiu ao Padre Donizetti o título de cidadão tambauense, em 8 de julho de 1957, quando o padre completou 50 anos de sacerdócio. Também recebeu o título de cidadão benemérito da cidade de São Paulo, da Câmara Municipal, em 31 de dezembro de 1957.



"Rosas no Céu, Milagres na Terra". Chuva de Rosas encerra a Grande Romaria.



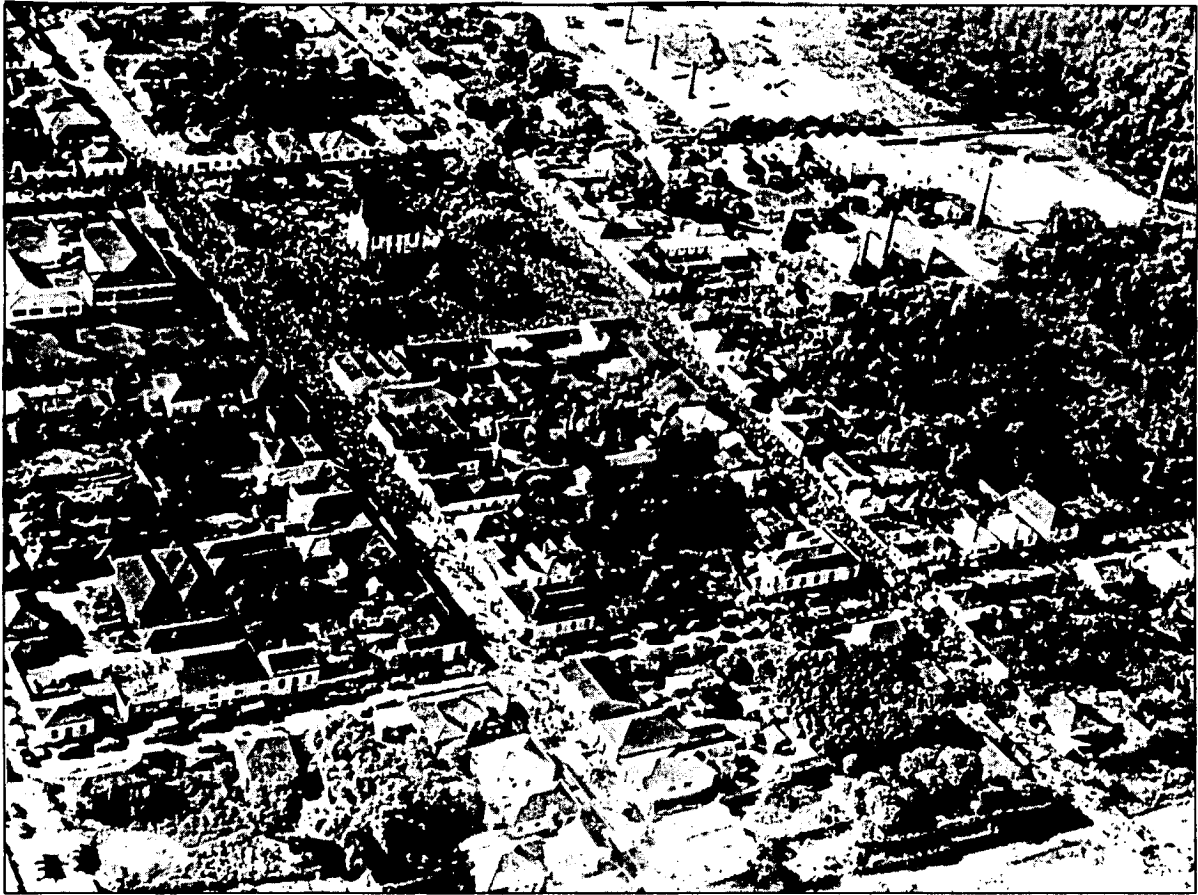
Tambaú, cidade dos milagres

Diante da repercussão dos milagres em Tambaú, a revista ANHEMBI resolveu enviar àquela cidade a pesquisadora do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia da Universidade de S. Paulo, Maria Isaura Pereira de Queiroz. Ela permaneceu seis dias em Tambaú, entre 13 e 18 de maio de 1955, durante a Grande Romaria, investigando sobre os fenômenos aí desenrolados. Segundo a revista, o curto espaço de tempo não permitiu uma pesquisa completa, na qual tomasse parte uma equipe de sociólogos. A seguir, apresentamos alguns trechos deste relatório:

“**S**egundo tanto o Vigário quanto o sr. Marcassa, foi este curado em março de 1954, e só em outubro é que o povo de Tambaú teve conhecimento dos milagres. A notícia seguiu vagarosamente seu caminho de boca em boca de março até outubro, durante 7 meses. Em todo esse tempo, além da transmissão oral, só ouvimos falar da irradiação de Poços de Caldas, essa mesma não confirmada. Nos jornais de S. Paulo, a primeira notícia foi dada pelo Diário da Noite, a 26 de novembro de 1954. Daí por diante, todos os meios de propaganda se apoderaram do acontecido, disseminando-o por toda a parte. (...) Em S. Paulo, uma fita projetava durante uma hora e cinquenta minutos as comemorações da Semana Santa e cenas tomadas entre os romeiros miraculados: “O Poder da Fé”, levado em sete cinemas ao mesmo tempo, a partir dos primeiros

dias de maio. (...) A televisão, por sua vez, também dedicou programas especiais e transmitiu cenas passadas em Tambaú, sendo o primeiro dos programas realizado em meados de abril. Estes três meios de transmissão - jornais, cinema, televisão - não ultrapassavam muito o âmbito da cidade de S. Paulo; e, em se tratando de jornais do interior, a cidade local em que eram editados. A par da transmissão oral, foi o rádio o grande instrumento de difusão. (...)”

“**A** princípio, vinham principalmente automóveis (particulares ou táxis) e gente de trem, disseram-nos. Mas desde que o Padre Donizetti começou a anunciar que ia parar as bênçãos, a quantidade de peregrinos se avolumou, entraram em cena os paus-de-arara, os ônibus, os aviões. (...)”



Vista aérea da "Praça dos Milagres", durante a Grande Romaria de 1955.



Lendas e Milagres às Anessas

Das 50.000 pessoas que, enquanto lá estivemos, passavam pela cidade nas 24 horas, segundo estimativa de informantes locais, poucos eram os que permaneciam mais do que algumas horas. Na maioria, viessem de trem, de ônibus, de pau-de-arara ou de automóvel, chegavam, assistiam a uma bênção e partiam quase imediatamente.

Mas mesmo assim sempre ficavam umas 5.000, e tornava-se difícil encontrar pouso para uma noite, embora quase todas as casas de Tambaú estivessem recebendo romeiros; mas lembremos que a cidade tem somente 693 casas... (...)"

Trazíamos a idéia de encontrar a Praça transformada num verdadeiro Pátio de Milagres, como se viam na Idade Média, em que se tropeçasse a cada passo com deformações e bagas as mais diversas. Mas não. (...) O que nos foi apenas povo, com esse aspecto comum não muito saudável do povo brasileiro, agravado pelo cansaço de uma noite mal dormida e pela poeira da viagem; mas nada de extraordinário. Um mundaréu de caboclos e de operários, era essa a impressão geral que davam os aglomerados da Praça dos Milagres. Notava-se aqui e ali uma pessoa mais bem vestida, denunciando classe média; mas apesar de termos visto uma ou outra vez um automóvel luxuoso, somente no dia em que penetramos na casa do Padre foi que vimos gente que, pelo aspecto exterior, parecia pertencer às camadas sociais mais altas. Mesmo assim, poucas. (...)

Todas as pessoas se dirigiam à Praça dos Milagres sobraçando maletas ou roupas ou pacotes, qualquer que fosse a sua condição. Percorrendo, pois, as ruas que subiam para a pequena Igreja de S. José, pouco antes da bênção, tinha-se a impressão de um êxodo em que os fugitivos só tivessem podido carregar parte mínima de seus haveres. Era um formigar contínuo de gente, dentre a qual se divisava aqui e ali um manco, um aleijado, um cego.

Chegando à Praça, instalavam-se em ponto de onde fosse visível a Casa Paroquial, se é que não tinham chegado suficientemente cedo para se colocarem o mais perto possível dela, e, procurando pedras ou caixotes para se sentar, utilizando para isso as próprias malas, ali ficavam horas à espera da bênção. (...)"

O Padre dava bênção coletiva às 9 horas da manhã e às 8 horas da noite. Porém, desde que na Praça se formasse um ajuntamento importante de gente, outras bênções eram dadas, extraordinárias, a fim de que o povo logo pudesse

se dispersar e ir embora da cidade. Fôra este o remédio que o Padre encontrara para impedir que as aglomerações se tornassem cada vez maiores nas horas marcadas para as bênções.

Os romeiros traziam consigo as garrafas d'água que, transformada em água benta, serviria depois de mezinha contra toda sorte de males. A população da cidade, sofrendo há algum tempo de falta d'água, negava-se a fornecê-la aos peregrinos. Pelos arredores, antes de chegar a Tambaú, encontravam-se tabuletas nos casebres que se erguiam junto de córregos: 'Vende-se

garrafas'. E gente que se chegava à cidade provida das garrafas, mas sem o líquido, descia a colhê-lo no Córrego Arrependido. A água assim abençoada destinava-se a ser consumida, isto é, a desaparecer; era preciso que qualquer coisa restasse da santa bênção, uma relíquia. Daí a lembrança de pegarem galhinhos das árvores da Praça, lasquinhas de madeira de seus troncos, folhas, que eram postas dentro da garrafa para, imersas no líquido santo, adquirirem as qualidades dele, conservando-as de maneira permanente e transmitindo-as quicá a outra água com que depois se enchesse a garrafa.

Desencadeou-se então um ataque brutal às árvores; a primeira atingida foi um cipreste, do lado direito de quem olha para a igreja, no topo do qual existia pequena cruz natural, formada por dois raminhos - sinal evidente de qualidades fora do comum. De tal maneira lhe descascaram o tronco que o Prefeito mandou rodeá-lo com uma estacada alta, para impedir que o matassem; pois mesmo assim havia quem trepasse sobre as estacas e fosse marinhando o tronco acima, a colher algum raminho; quando o vimos pela primeira vez, o pobre cipreste estava reduzido a um espanador de folhas no alto de enorme vara completamente descascada! Outras árvores,

apesar de não apresentarem a qualidade excepcional do mencionado cipreste, foram também reduzidas a tocos, junto dos quais havia sempre indivíduos agachados, a arrancar ainda pedacinhos de madeira. Era de se notar que os romeiros procuravam de preferência as árvores já atacadas por outros, de onde se encarniçarem em raspar lasquinhas de tocos que pouco ultrapassavam o chão; talvez julgando que a procura que as vîtimara era garantia da excelência de seus dons. Foi o que salvou algumas árvores da Praça, juntamente com a suspensão das bênções.

continua...



O cipreste, ao lado da Igreja São José, teve de ser rodeado com estaca alta, para impedir que o matassem.



Tambaú, cidade dos milagres

Além de garrafas d'água, traziam osromeiros consigo roupas, cartas e retratos das pessoas que não podiam vir, - daí as malas e sacos que invariavelmente transportavam.

Um pouco antes da bênção das 9 horas, o alto-falante instalado na Casa Paroquial iniciava a chamada das pessoas que seriam beneficiadas com a bênção especial, pedindo-lhes que esperassem no portão que dava para a rua Campos Salles; algumas eram recomendadas pelo Cardeal Mota: de outras, não se dizia a razão da chamada. Eram feitas também algumas advertências com relação aos batedores de carteiras, avisava-se que as bênções terminavam impreterivelmente a 30 de maio, mas que as bênções secretas seriam sempre dadas pelo Padre às 9 da manhã e às 8 horas da noite.

Enquanto isso, os fiéis se preparavam para ouvir o taumaturgo: empunhavam numa das mãos a garrafa d'água, na outra alguma imagem que porventura tivessem comprado, e velas acesas; equilibravam juntamente com garrafa e imagem, retratos e cartas, penduravam nos braços peças de roupa de pessoas da família que não tinham vindo; dos dedos ou dos pulsos pendiam terços, rosários, correntes com medalhinhas. Enfim, era verdadeiro malabarismo conseguir que todos esses objetos fossem erguidos para o alto ao mesmo tempo, para captar a bênção no momento exato em que fosse proferida. Havia nítido sentimento de que era indispensável saber 'como' fazer as coisas, para que a bênção fosse realmente eficaz. Estávamos sempre em conversa com uns e com outros, e éramos consultados a respeito da maneira 'certa' de agir: se era preciso destapar a garrafa para que a bênção pudesse chegar até a água; se era preciso segurar as medalhas e rosários na mão direita, ou qualquer mão servia; se a água que fora enchoada numa garrafa segura por mãos de homem podia ser utilizada por uma mulher; se não era 'ruim' botar os raminhos verdes dentro da água; se as medalhas e imagens que estavam nas barraquinhas da Praça já não estavam atingidas pelas bênções que o Padre dava diariamente e se era preciso que fossem benitas novamente; se bastava abrir as malas e deixar as roupas expostas na hora da bênção, ou se era preciso erguê-las nos braços juntamente com a garrafa e com as imagens. Era inegável a convicção que possuíam de que qualquer coisa 'errada' invalidava e destruíam todos os poderes que a bênção outorgava à água e aos objetos.

Reinava muita calma durante a espera. Em geral, aleijados, inválidos e doentes ficavam bem junto da Casa Paroquial; mesmo os que chegavam atrasados conseguiam se aproximar, pois os sãos abriam respeitosamente caminho a fim de que os infelizes ficassem o mais perto possível do lugar em que o Vigário aparecia. Não vi ninguém rezando enquanto se esperava a bênção; uma vez ouvi que cantavam um hino à Virgem Maria, perto da Casa Paroquial, mas pelo som devia ser grupo pequeno; não foram acompanhados pelo resto da multidão e logo se calaram; disseram-me depois que era a Congregação Mariana de uma cidade vizinha que cantava.

Uns mantinham-se calados, outros conversavam; as crianças corriam de um lado para outro e eram admoestadas pelas mães. Entre as mulheres, estabeleciam-se diálogos curiosos a respeito das compras que tinham feito nas barraquinhas; comparavam os artigos - fotografias, imagens, medalhinhas, terços -, comparavam os preços e davam indicações umas às outras sobre as barracas que vendiam mais em conta ou que possuíam artigos mais bonitos. Nada daquele frêmito religioso, daquela espera ardente, daquela vibração afetiva e exacerbação de emoções que era lícito se esperasse encontrar.

Quando o Padre aparecia, na porta central da Casa Paroquial, imediatamente passava a reinar completo silêncio. Ele começava por pregar um sermão; em seguida dava a bênção àquela multidão de braços erguidos, de garrafas d'água cintilando ao sol, de velas piscando trêmulas. Passava então a perguntar em altos brados:

- Quem sarou? Quem ficou são? Respondam e ergam as mãos!
- Garrafas e objetos eram largados às pressas no chão, todos os braços se levantavam, todas as vozes replicavam em coro, tivessem ou não seus donos recebido a graça!
- Sarei! Sarei!
- Então palmas para a Religião Católica!
- As palmas enchiam o ar.
- Viva N. S. Aparecida!
- Vivóooo!
- Viva S. S. o Papa!
- Vivóooo!
- Viva o Cardeal Mota!
- Vivóooo!
- Viva o Bispo diocesano!
- Vivóooo!

Está terminada a cerimônia. Cerram-se as portas da casa do Padre (que até a hora da

bênção se mantém de janelas e portas hermeticamente fechadas) e a multidão começa a dispersar.

Mas eis que estrugem palmas num canto da praça: ali deu-se um milagre. Há um movimento geral da massa, curiosa de apreciar o que se está passando. Todos perguntam:

- O que é? O que foi?

E dos que estão mais próximos brotam exclamações:

- Louvada seja N. S. Aparecida! Milagre! Milagre mesmo!

As palmas anunciam sempre um milagre que se produziu naquele momento; mas a maioria das pessoas, dada a quantidade de gente, não consegue aproximar-se para ver o que houve e escuta apenas ecos do caso extraordinário:

- Andou e nunca tinha andado! Até este momento nunca tinha falado!

Grande parte do povo se dirige então para a igreja. Todos querem ver a santa imagem de N. S. Aparecida, operadora dos milagres, de quem o Pe. Donizetti se afirma intermediário. Não é uma imagem como outra qualquer. Há tempos atrás, incendiou-se a igreja e queimou interiramente; só se salvou a imagem, ninguém sabe como, e nem mesmo seu manto foi chamuscado.

Na igreja se verificam duas grandes decepções para osromeiros que com tanto sacrifício físico e monetário transportaram a Tambaú: ficam sabendo que nem poderão ver a Santa, nem penetrar na Sala dos Milagres. A Santa não está na igreja, está na Sala dos Milagres da Casa Paroquial. Antes do atual afluxo de gente, era permitida a entrada dos fiéis nesta, terminada a bênção, e eles podiam não só se inclinar devotamente diante da imagem milagrosa como também apreciar com exclamações de espanto a quantidade de muletas, de óculos, de aparelhos ortopédicos, de fundas de hérnia amontoados por todos os lados, assim como as célebres correntes que prendiam a louca e que mereceram o lugar de honra nessa coleção heterogênea. Mas a visita fora suspensa a partir de sábado, 14 de maio: na noite de sexta-feira, a quantidade de gente era tal e tais tinham sido os empurrões e a desordem para tentarem entrar, que o Vigário tinha decidido proibí-la.

Nossa impressão foi de que a maioria dos crentes não interessava tanto ver o Padre de perto, como beijar a Santa e olhar a Sala. Aqueles que ainda tinham conseguido ver algum milagre mostravam-se satisfeitos; mas era manifesta a



Tambaú, cidade dos milagres

frustração dos que, devido ao aperto, nada tinham presenciado e que nem podiam voltar contando as maravilhas da Sala dos Milagres.

A igreja ficava apinhada de gente, e chegava um momento em que ninguém podia mais entrar nem sair; não havia a menor ordem, nem sequer uma tentativa de impor um sentido à circulação dos fiéis. A única pessoa que estava dentro da igreja, uma senhora da Irmandade do Sagrado Coração de Jesus, escolhida pelo Padre para recolher as esmolas que lá fossem depositadas e que lá ficava da manhã até à noite, não era suficiente nem para receber as esmolas, quanto mais para dirigir o trânsito dentro da igreja!

Os fiéis que não conseguiam chegar até ela, que ficava sempre junto de um dos altares, iam deixando suas esmolas, cartas e retratos em qualquer altar ou no andor do Senhor dos Passos, junto à porta principal. Também no Cruzeiro, que se erguia defronte da entrada da Igreja, em torno do qual ardiam dia e noite milhares de velinhas e havia sempre gente ajoelhada rezando, eram deixadas esmolas.

Ficamos observando os que, dentro da igreja, conseguiam chegar até a zeladora. A maioria não se contentava em dar a esmola, mas discriminava quem eram os doadores: Estes Cr\$ 5,00 são de minha filha Anica que não pôde vir; estes Cr\$ 10,00 são de minha comadre, que é minha vizinha, e que também não veio; os outros Cr\$ 10,00 são de meu marido, que está aqui comigo; e estes Cr\$ 10,00 são meus. Tudo é para por sob os pés de N. S. Aparecida (ou então para entregar na mão do Padre). A senhora não vai esquecer quem foi que mandou, não é? Outros pediam troco: davam Cr\$ 100,00, mas queriam deixar somente Cr\$ 20,00 de esmola. Outros queriam entregar cartas e fotografias, mas especificando sempre quem as tinha mandado e onde deviam ser colocadas (invariavelmente, como o dinheiro, eram para ser postas sob os pés de N. S. Aparecida, ou nas mãos do Padre). Houve quem, não tendo fotografia para mandar, enviasse por meio de parentes a caderneta de reservista, ou caderneta de trabalho, que depois eram guardadas na Casa Paroquial a fim de serem devolvidas a seus donos. Outros mandavam recados verbais ao Padre:

— Sou Fulano de Tal; não pude chegar até perto do Padre. Diga prá ele que me faça sarar de uma

tremeadeira que tenho aqui na perna que não me deixa trabalhar em paz.

E perdia-se numa longa explicação da tremeadeira e do que devia ser dito ao Vigário. Os que tinham recebido graças vinham deixar a muleta, a funda de hérnia, um pano com que era amarrada a cabeça por causa de nevralgias, e também se demoravam contando a doença. Havia quem desse, em lugar de esmola em dinheiro, ou além dela, seus brincos, seu broche, sua aliança, 'para serem postos bem junto de N. S. Aparecida'. Parecia-lhes indispensável colocar qualquer coisa que lhes pertencesse bem encostada à Santa: a proteção seria mais eficaz.

Pediam como lembrança as flores de papel que ornavam o altar - e para salvá-las a zeladora declarou que eram 'de promessa'. Alguém colocou uma longa fita cor-de-rosa sobre o altar, sem dúvida pagando alguma promessa. Pouco depois, os que não perceberam quando ela fora ali colocada, vendo-a pender, começaram a beijá-la, a colocá-la na cabeça, nos olhos, na garganta, a fazer com sua ponta o sinal da cruz, crentes de que se tratava de fita pertencente à imagem daquele altar. Alguém depositou sobre o altar um vidro com água e pétalas de rosa - e logo os que passavam molhavam os dedos naquela água, beijando-os ou fazendo o sinal da cruz. Tendo a zeladora dito a duas ou três pessoas de quem recebera esmolas substanciais: '— Deus lhe acrescente!' - foi obrigada a repetí-la a todos, daí por diante, porque sentiu claramente que os seguintes esperavam vê-la agir da mesma maneira em relação a eles, e ficariam desgostosos se não o fizesse. (...)

Após dar a esmola e beijar a fita, havia romeiros que se ajoelhavam e rezavam; dava-se então como que uma epidemia de orações: todos os que estavam por perto ajoelhavam também e rezavam. Depois havia uma acalmia, até que novo fiel se ajoelhasse, e então novamente mais uma dezena se prosternava. Havia quem, dando a esmola, pedisse de volta uma moedinha qualquer 'porque era bom ter moedinha de caixa de esmolas'; outras pessoas pediam notas de um cruzeiro para guardar de lembrança. Finalmente, saíam os romeiros da Igreja; estavam terminadas as cerimônias, podiam se preparar para o regresso. Maria Isaura Pereira de Queiroz, *Tambaú, cidade dos milagres*, ANHEMBI, nº 57, Agosto 1955, p. 493-514.



Multidão na "Praça dos Milagres"



O dom da cura

Deus concedeu ao Pe. Donizetti o dom das curas, que exerceu sobretudo nos últimos anos de sua vida. Sua fama se espalhou por toda a parte. Todos queriam a bênção do Padre Donizetti

A multidão carregava nos braços garrafas de água para benzer, rosários e medalhas. Alguns queriam que ele benzesse fotografias ou peças de roupas de parentes que estavam doentes em casa.

Um silêncio caiu sobre a massa. Ninguém falava. Só as palavras trêmulas do velho sacerdote caíam sobre a multidão, como que lançando uma chuva de graças por sobre o poço que sofria e muito esperava do céu.

Muitos e muitos casos são contados pelo povo. Todo mundo conhece parentes, amigos ou conhecidos que, de algum modo, dizem ter recebido alguma graça, ou mesmo curas, através do Padre Donizetti.

Mas ele sempre afirmava:

"Eu não curo ninguém. Eu peço a Deus e Ele atende por intercessão da Virgem de Aparecida."

"Não me transformem em notícia de sensação, pelo amor de Deus! Deixe-me em paz. Sou um Cura de aldeia, não faço milagres, apenas cumpro as práticas religiosas do sacerdócio."

Pe. Donizetti sendo interrogado certa vez, acerca de pretensos milagres, explicou:

"Fiquem sempre com o bom senso da Igreja. Há três fatores que se deve sempre ter presente: o clima, a água e o sistema nervoso.

A medicina tem o poder de prevenir doenças. Muitas doenças tenderiam a desaparecer como a tuberculose, prevenção contra a paralisia infantil com vacina e antibióticos. São conquistas da era atômica."

Uma vez interrogado pelo seu amigo e colaborador, prof. Roque Cônsolo, sobre o dom de ubiquidade, propriedade de estar ao mesmo tempo em toda a parte, Pe. Donizetti respondeu-lhe:

"Como poderia atender aos que de mim necessitam e que estão à distância em casos urgentes e quando não possuímos meios de localização?"

Os Milagres

"O começo das romarias a Tambaú ninguém sabe precisar. O próprio padre Donizetti, perguntado uma vez sobre o 'começo, disse que 'há muitos anos atrás (e isso ele dizia em pleno ano de 1954) 'pessoas, dos mais longínquos rincões, me procuram para uma bênção'.

Em [março de] 1954, um rico industrial [na verdade, um produtor e comerciante] de vinhos de Poços de Caldas [João Marcassa], depois de percorrer dezenas de consultórios médicos para curar uma inseparável dor na espinha [em outra versão, diz ser reumatismo no joelho], dirige-se, a conselho de um amigo, a Tambaú, para se abençoado pelo padre Donizetti.

Foi. Recebeu a bênção. E curou-se.

E tornou-se, então, o maior entusiasta do padre Donizetti. Organizou caravanas de doentes, fretou caminhões às suas custas, levou gente de cidades vizinhas. E os resultados que essas pessoas alcançavam corriam como um aboio na voz popular e alcançava, uma após outra, as vilas, as cidades, as capitais. As bênções do padre de Tambaú, 'do padre milagroso', curavam doentes, faziam paralíticos andar, cegos verem, surdos ouvirem, faziam gente de má vida procurar uma vida melhor, reanimava desesperados, animava aflitos.

E os casos passavam de boca em boca. E caminhões em fila demandavam Tambaú, que chegou a receber, num só dia, mais de 300 mil pessoas. E lembre-se que a população da cidade era, nessa época, de 6.000 almas. Casas particulares transformavam-se em pensões, bares em hotéis, farmácias em albergues, armazéns em asilos.

Uma 'sala dos milagres', criada pelo padre Donizetti para guardar documentos de curas, em poucos dias ficou repleta de muletas, óculos, aparelhos ortopédicos e objetos outros que atestavam que doentes repentinamente passaram a sãos, e não precisavam mais dos acessórios outrora tão importantes. Em agosto de 59 o padre Donizetti informava que uma firma de São Paulo lhe oferecera, só pelos óculos da 'sala dos milagres', um milhão de cruzeiros.

É evidente que ele não aceitou o negócio. Aqueles óculos não eram para ser vendidos - eram um documento muito sério, passado pela graça de Deus."

Fred Jorge, *A morte do Padre de Tambaú...*, p. 15-16.



Próteses de perna existentes na Sala dos Milagres.



Lendas e Milagres às Aversas

Fred Jorge, acompanhado de seu irmão e amigos, além do fotógrafo Adolfo Barrera Filho, foi conhecer de perto o grande movimento popular religioso em Tambaú, ocorrido em 1955. Queria levantar material para publicação de livretos, pela Gráfica Editora Prelúdio, de São Paulo. Embrenhou-se entre os peregrinos e foi coletando as histórias de milagres. "Nas ruas de Tambaú fala-se de prodígios, de curas incríveis. E fala-se também dos chamados MILAGRES ÀS AVESSAS. Há muito de lenda nesses milagres, mas as lendas têm um fabuloso poder moral, que consegue reter a multidão dentro do respeito que se deve a Deus. (...) Não podemos afirmar a veracidade desses casos, porque foi material colhido entre o povo que cerca a casa paroquial. Verdade ou não, essas lendas revestem-se de uma estranha beleza trágica, que serve para deter a onda de descrença, tão volumosa e tão triste. A força moral das lendas é um fato comprovado. Equipara-se à força moral das fábulas que encerravam, em suas curtas narrativas, grandes e eternos ensinamentos", escreveu Fred Jorge. Seus livrinhos são recheados dessas histórias. Reeditados a cada ano, com média de 32 páginas, formato de bolso (16 x 11,5 cm), papel comum, textos simples, ilustrações de Smaga, estes livrinhos eram vendidos em quantidade, lembrando literatura de cordel. Não é difícil encontrá-los perdidos numa gaveta de criado mudo, misturados entre santinhos de papel. A sua propagação fixou as lendas no imaginário popular.

Uma Bonita Lenda

"Conta-se que certa senhora muito rica, sendo parálitica, foi a Tambaú a fim de conseguir curar-se tomando a bênção. Assim que chegou à Casa Paroquial, entrou com auxílio de suas muletas e suplicou ao padre:

— Padre, por favor. Cure-me. Há anos que venho andando com estas muletas. E tenho tanta vontade de sarar. Por favor, padre. Ajude-me... Por favor, ajude-me.

O padre Donizetti benzeu a pobre mulher que logo começou a caminhar sem precisar das muletas. Deslumbrada, a senhora mal podia crer no que estava acontecendo. E dizia aos presentes:

— Vejam. Estou curada. Estou curada... Não tenho mais nada... Graças a Deus não tenho mais nada... Não tenho mais nada.

E voltando-se para o padre Donizetti Tavares de Lima disse:

— Padre. Nem sei como recompensá-lo pelo que

me fez. Eu já tinha perdido todas as minhas esperanças, eu estava certa de que nunca mais iria caminhar.

A rica senhora trazia no pescoço um preciosíssimo colar, uma dessas jóias que custam uma verdadeira fortuna. Sem hesitar a mulher abriu o fecho do rico adereço e tentou oferecê-lo ao padre Donizetti:

— Tome, padre. Tome isto como gratidão pelo que fez por mim. Tome como prova do meu reconhecimento.

— Não, minha senhora. Não posso aceitá-lo. De forma alguma. Não faço isso por dinheiro e fortunas não me interessam.

— Mas padre... O senhor merece.

— O que eu vou fazer com isso?... Nada... Se quiser mesmo fazer algum bem, faça-o por mim, mas da seguinte forma. Tome seu carro e vá para a sua casa. Se encontrar um pobre no caminho, pare o carro e dê o colar a ele. Será o mesmo que se tivesse dado a mim. Isso, dê o colar ao primeiro pobre que encontrar e Deus abençoará o seu gesto.

— Está bem, padre. Eu farei a sua vontade. E contente, a mulher e seu esposo tomaram o riquíssimo carro que estava a espera deles do lado de fora da casa paroquial. E saíram estrada a fora em direção à cidade em que moravam. No caminho, a mulher encontrou uma pretinha maltrapilha e muito pobre. Lembrando-se do conselho do padre, mandou parar o carro e desceu. Mas pensou consigo:

— O que essa pretinha vai fazer com um colar tão

rico e tão bonito? Este colar foi feito para pescoços bonitos como o meu. Juidiação dá-lo a uma pretinha como esta. Se eu der cinco cruzeiros ela ficará muito mais satisfeita.

E descendo do carro, deu cinco cruzeiros à pretinha. Assim que voltou para o carro, sentiu dores terríveis na perna.

— Meu Deus... Minha perna... Não posso movê-la... A paralisia voltou.

— O que? - perguntou espantado o marido!

— Estou parálitica de novo. Volte... Volte para Tambaú. Vamos falar com o padre... Depressa. O marido voltou o carro e partiu a toda em direção à cidade de Tambaú. Lá chegando, foi a casa paroquial, descendo a esposa carregada do carro.

— Padre. Não posso andar. Não sei o que aconteceu, padre. Ajude-me outra vez, pelo amor de Deus.

— A senhora fez o que eu pedi? Deu o colar ao primeiro pobre, perguntou o padre?

— Não. Está aqui na minha bolsa. Confesso que fui egoísta e em vez do colar dei a uma negrinha que encontrei, apenas cinco cruzeiros. Ajude-me, padre.

— Agora nada mais posso fazer, minha senhora... Pois aquela pobre pretinha que estava à margem da estrada, aquela a quem a senhora negou o colar que quis me dar, era Nossa Senhora Aparecida. A senhora a ofendeu muitíssimo e por isso foi castigada. E eu não tenho forças para tirar um castigo imposto por Nossa Senhora Aparecida.

A rica senhora apanhou sua muleta e cabisbaixa seguiu seu triste destino de mulher parálitica."



Fred Jorge, *Os grandes milagres do Padre Donizetti...*, p. 29-32.



Morre o Padre de Tambaú

Depois de 35 anos de intensa atividade, a saúde do Pe. Donizetti começou a debilitar. Ele teve sua vida marcada pelo acolhimento ao irmão doente e sofredor. Mas, nos últimos anos de sua vida, quando estava na hora de aposentar-se, dedicou-se ainda mais aos numerosos peregrinos que chegavam de toda parte do Brasil, tentando não deixar de cumprir com suas obrigações como Vigário da Paróquia, realizando batizados, confessando, dando primeira comunhão, celebrando missas... A partir de março de 1961, ele só dava a tradicional bênção, da janela de sua casa, aquela bênção em latim dada aosromeiros e que está até hoje gravada numa fita magnética. Já não celebrava mais.

Assim está escrito no livro de Tombo da Paróquia:

"A fim de auxiliar o Padre Donizetti, gravemente enfermo, desde 12 de março de 1961, por

designação de D. Davi Picão, Bispo Diocesano, o Mons. Antônio David começou a vir aos sábados, domingos e dias santificados e primeiras sextas-feiras para os serviços paroquiais de Tambaú."

Era o começo do fim.

Às 11:15 horas da manhã, do dia 16 de junho de 1961, Pe. Donizetti faleceu, na casa paroquial, sentado em sua poltrona e assistido por alguns paroquianos.

A notícia na cidade correu rápido e passou a fronteira da cidade, alcançou as cidades vizinhas, as cidades longínquas, as capitais, ganhou as ondas do rádio, correu as rotativas dos jornais, entrou nos lares...

Conforme a certidão de óbito, atestada pelo Dr. José Viana Bittar, o Padre Donizetti morreu por insuficiência cardíaca - infarto do miocárdio, aos 79 anos de idade.

A última despedida

Seu corpo ficou exposto na Igreja de São José. Milhares de pessoas, durante toda a noite e até o dia seguinte, à hora do enterro, vinham prestar suas últimas homenagens. Parentes, autoridades, padres, freiras e leigos vinham de toda parte. O Prefeito de Tambaú imediatamente decretou, na cidade, luto por três dias. A escola e o comércio fecharam suas portas, as chaminés das olarias pararam de fumejar...

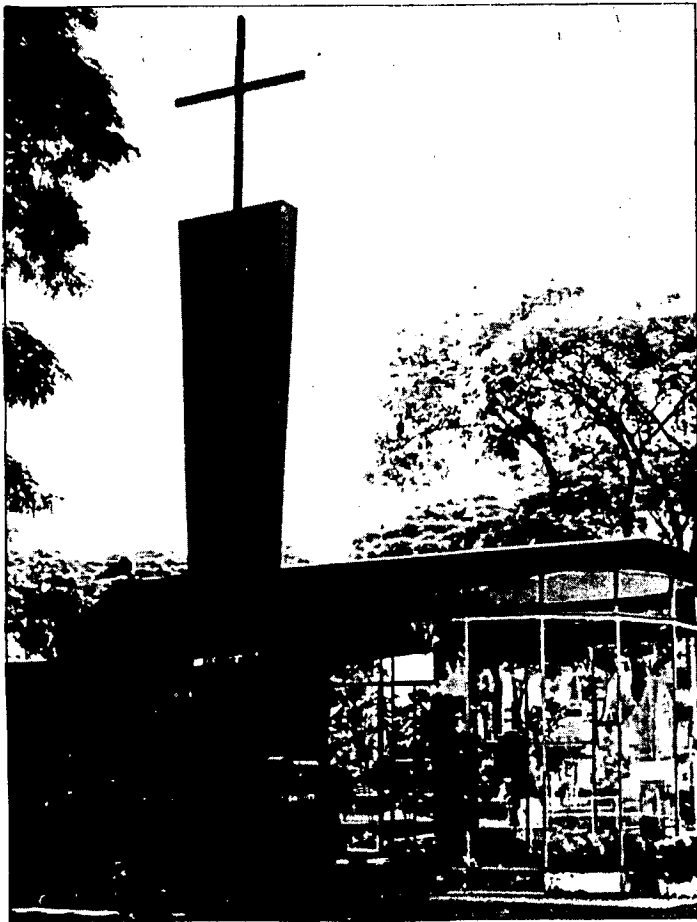
A princípio, as pessoas que queriam ver o corpo do Padre Donizetti entravam à vontade. Mas o seu número era tanto que foi necessário fazer filas, sob proteção policial, para que não sucedessem confusões ou atos de histerismo. Gente de outras cidades iam chegando, a cidade coalhando de automóveis, caminhões, ônibus especiais...

"Recebi, senhor, a vida do Padre Donizetti. Que ele continue intercedendo por nós."

Assim rezou D. Davi Picão, Bispo Diocesano de São João da Boa Vista, na missa fúnebre. Repórteres e fotógrafos de quase todos os jornais de São Paulo vieram fazer a reportagem daqueles históricos momentos. A Rádio de Tambaú, em cadeia com a rádio de Santa Rita do Passa Quatro, fez a cobertura completa do acontecimento. No dia 17 de julho foi o enterro.

Os sinos da cidade repicavam sem parar, acompanhando a procissão com o corpo do Padre Donizetti até o cemitério local. Cerca de três mil pessoas acompanharam o cortejo. A Banda de Música "São Vicente de Paulo", criada pelo próprio Padre, tocava o dobrado fúnebre durante o cortejo. Ao completar 30 anos de sua chegada a Tambaú, Pe. Donizetti pronunciou:

"Os meus afetos tem sido sempre para a religião católica, procurando sempre obedecer aos meus superiores hierárquicos, o que pretendo sempre até o momento de exalar o último suspiro que é a despedida que terei que fazer como todos o fazem neste mundo: fechando os meus olhos tranqüilamente para abri-los para toda a eternidade na contemplação da presença de Deus Nosso Senhor Jesus Cristo a quem tenho servido, sirvo e servirei."



Capela funerária do Pe. Donizetti.



O Incêndio

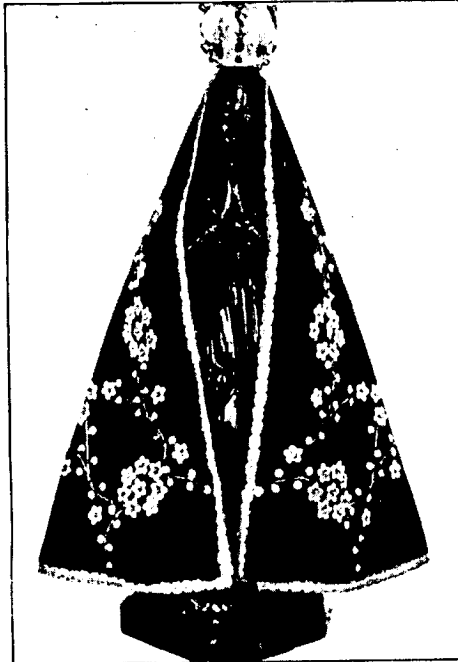


Imagem de Nossa Senhora Aparecida, milagrosamente salva no incêndio.

Sendo muito devoto de Nossa Senhora Aparecida, Pe. Donizetti providenciou uma cópia fiel da imagem, vinda de Aparecida do Norte, e colocou-a solenemente na Matriz de Santo Antonio.

Em 11 de outubro de 1929, às oito horas da manhã, a população de Tambaú ficou alarmada com o incêndio da Igreja Matriz. Assim escreveu o Padre Donizetti no livro Tombo da Paróquia:

...estou que a 11 de outubro de 1929, às 8 horas, aconteceu, improvisamente, pavoroso incêndio na matriz local, destruindo tudo. 22 imagens foram reduzidas a cinzas, restando do edifício, apenas, as paredes desvestidas de reboco. Entretanto, ileso ficou a imagem de Nossa Senhora Aparecida, com o manto de seda, o que causou profunda impressão em todos. Será perpetuado o fato insólito em suntuosa igreja que será construída no centro da cidade, à rua Sto. Antonio, para a conservação da milagrosa imagem."

O Documento foi assinado pelo Padre Donizetti e por um grande número de testemunhas. A partir de então, tornou-se idéia fixa na mente do padre Donizetti, a construção de capela para

conservação da imagem milagrosamente salva. De capela à basílica, a idéia tomou vulto, com grandes chances de ser viabilizada, pela incalculável doação de dinheiro pelos peregrinos a partir de 1955.

Segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz, o sonho do Pe. Donizetti era transformar Tambaú "numa verdadeira APARECIDA DO SUL", como dizia nos folhetos que mandara imprimir.

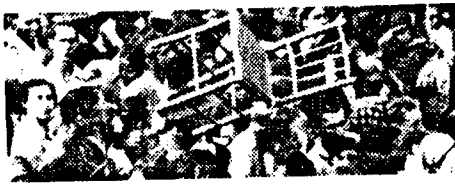
A Basílica do Sonho

"O padre Donizetti, conforme afirmava várias vezes, aceitava esmolas dos fiéis que recebiam graças, porque tinha um grande plano: construir em Tambaú uma Basílica de Nossa Senhora. E esse dinheiro ele conseguiu, em quantia superior a 40 milhões de cruzeiros, e que era recolhido aos sacos, por pessoas que, gratuitamente, ajudavam o padre, em seu grande mister.

O padre Donizetti havia escolhido o local da capela de São José para a construção da Basílica. Gostava da igreja de São José, ou do local da igreja, num alto, em que sonhava ver,

despontando para o céu, as torres da sua Basílica e, para isso, quando por ordens superiores de autoridades eclesiais, suspendeu as bênçãos coletivas para os milhares de seus seguidores, reservou todo o dinheiro que havia ganhado naqueles 13 meses de atividade diária, abençoando, atendendo particularmente a uns e a outros, ouvindo as súplicas e distribuindo palavras de ânimo e de conforto. Passava de 40 milhões o dinheiro então amealhado e com ele pensava o padre Donizetti dar início à construção da sua Basílica-sonho. Contratou um engenheiro para fazer-lhe as plantas e os estudos necessários. Cada dia mais se entusiasmava com a idéia. Falava dela aos amigos. Contava pormenores aos jornalistas, que sempre recebia bem e com agrado. Descrevia detalhes nas milhares de cartas que, em resposta aos que lhe escreviam, mandava pelos correios às centenas de cidades do Brasil e do Exterior. (...)"

Fred Jorge, *A morte do Padre de Tambaú...*, p. 18-19.



Processo de Beatificação

Por ocasião dos 30 anos de morte do Padre Donizetti, em 1991, a Câmara Municipal de Tambaú solicitou ao Nuncio Apostólico, Don Carlo Funo, a abertura do Processo de Beatificação do Pe. Donizetti. Ao mesmo tempo, foi aberto um livro de assinaturas de apoio ao pedido de beatificação na Câmara Municipal. A Anunciatura Apostólica consultou o Bispo da Diocese de São João da Boa Vista, D. Dadeus Grings, sobre o assunto. O Processo de Beatificação do Pe. Donizetti foi aberto pelo Bispo Diocesano, em 21 de Fevereiro de 1992. Nessa data, seguindo os preceitos da Congregação para as Causas dos Santos, foi constituída pelo Bispo a Comissão Pró-Beatificação: Mons. Renato Artamendi foi nomeado Delegado do Bispo; Pe. Dante Donzelli, Postulador da Causa; Côn. Máximo Cid Vaquero, Promotor da Justiça; Profª Irene F. de Faria Cunha, Notária; e o Eng. José Wagner C. Azevedo, como Secretário.

Secretaria Pró-Beatificação

Para operacionalizar o Processo, foi criada a Secretaria Pró-Beatificação Pe. Donizetti, órgão executivo dirigido pelo Postulador da Causa, o qual conta com o auxílio do Secretário da Comissão. Já antes da atuação desta Comissão, o Dr. José

Victor Pedrosa Chagas se empenhara em coletar dados acerca dos fatos extraordinários, atribuídos ao Pe. Donizetti. Atualmente, o Postulador da Causa vem reunindo um amplo material, entre escritos, entrevistas e iconografias. Para comunicar com o grande público, ansioso de informações sobre o andamento do Processo, a Secretaria lançou um jornal informativo, em Dezembro de 1994.

O que está em causa é a santidade do Padre, para colocá-lo, eventualmente, à veneração dos fiéis, como modelo de vida e intercessor junto a Deus. Os feitos grandiosos, principalmente os milagres, são devidamente examinados. Não constituem, porém, o elemento decisivo. Quer-se ver sua vida: se ela foi realmente inspirada no Evangelho e caracterizada por virtudes heróicas. Examina-se, acima de tudo, sua atitude de fé, esperança e caridade, ou seja, se procurou ver o mundo pelo prisma da fé, dirigiu seu passo pela alegria da esperança e moldou suas atitudes pelo amor a Deus e ao próximo; se observou os mandamentos de Deus e da Igreja.

O trabalho de coletar dados sobre a vida deste homem constitui o grande e fundamental passo para conhecê-lo melhor e projetar seu testemunho para todos os cristãos.

A coleta de todo esse material dará subsídios para escreverem sua biografia, com plena segurança,

sendo dados seguros na mão.

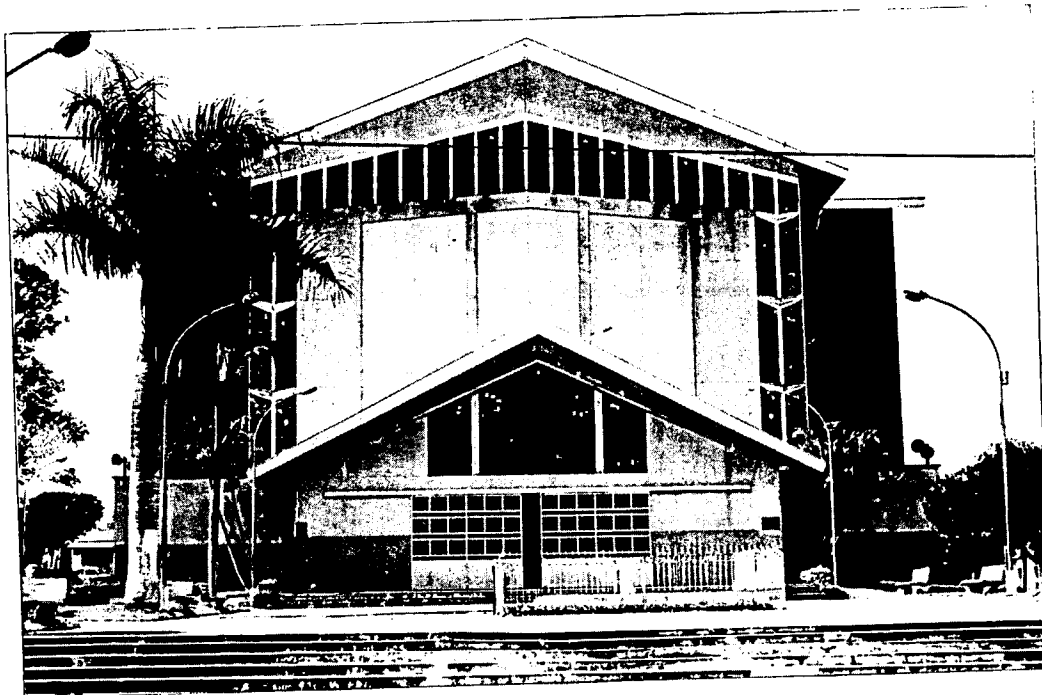
Fundação Pe. Donizetti

No dia 3 de janeiro de 1994, dia do aniversário natalício do Pe. Donizetti, a Fundação Pe. Donizetti iniciou suas atividades.

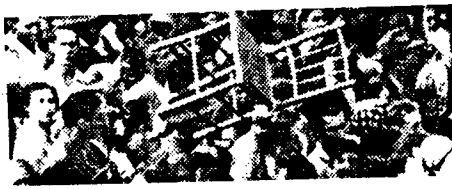
A Fundação nasceu grande, ainda que sua estrutura administrativa fosse pequena. A cargo da Fundação estão duas emissoras de rádio, a Rádio Casa Branca e a Rádio Tambaú; a administração do Santuário Nossa Senhora Aparecida de Tambaú, da Casa do Pe. Donizetti, da Casa dos Romeiros e do Túmulo do Pe. Donizetti.

A Fundação possui inúmeros projetos no campo da comunicação social, todos visando a difusão da santidade do Pe. Donizetti: a edição do jornal informativo, a produção de livros, fitas K7 e VHS, onde poderão ser encontrados fatos históricos da vida do Padre, acompanhados de depoimentos de personalidades que conviveram com ele.

O Bispo Diocesano nomeou o Pe. Donisete Aparecido Vitorio como Reitor do Santuário Nossa Senhora de Tambaú, o qual tomara posse no próximo dia 12 de janeiro. Pe. Donisete será responsável pelo Santuário, no aspecto litúrgico, fazendo parte do quadro da Fundação Pe. Donizetti.

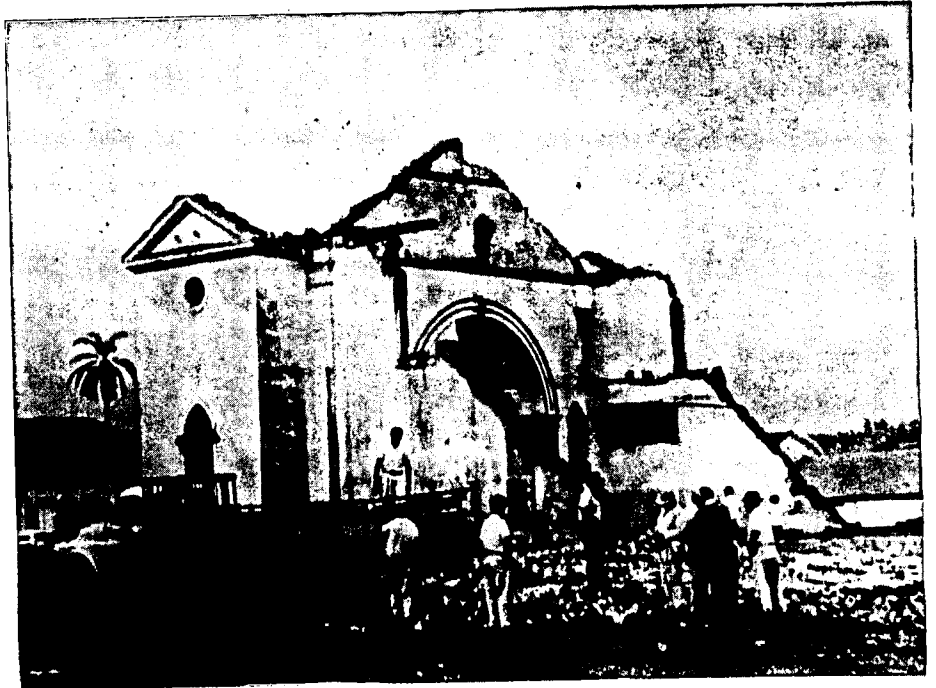


Santuário Nossa Senhora Aparecida de Tambaú, construído nos anos 60.



Memorial Pe. Donizetti

O grande desafio da Fundação Pe. Donizetti é a construção do Memorial que leva seu nome. Essa obra será implantada em um terreno de aproximadamente 170.000 m², localizado em frente ao Cemitério. Será erguido um grande complexo de edifícios, destinados aosromeiros. Atualmente, Tambaú conta com 25 mil habitantes e recebe, todo mês, cerca de 30 mil peregrinos, que vêm de várias regiões brasileiras. No pré-projeto do Memorial, elaborado pelo arquiteto Marco Biasoli, estão previstas as construções da réplica da Igreja São José, de uma Basílica de Nossa Senhora, um centro comercial, uma praça para cem mil pessoas, museu, hotel, restaurante, estacionamentos para ônibus e automóveis e áreas de lazer. Inicialmente, será erguida a Igreja São José, numa réplica daquela igrejinha onde o Pe. Donizetti viveu grande parte de sua vida religiosa. Sua pedra fundamental já foi lançada, no dia 18 de Junho de 1995. A proposta é de que os restos mortais do Pe. Donizetti sejam trasladados do Cemitério para o interior desta Igreja. A Secretaria Pró-Beatificação está reunindo grande número de fotos da antiga Igreja São José, de todos os ângulos, exterior e interior do templo. Ela foi demolida após a morte do Padre, para dar lugar ao atual Santuário de Nossa Senhora Aparecida, atendendo a um desejo seu, que queria, em Tambaú, uma homenagem para sua protetora, Maria Santíssima.



Demolição da Igreja São José, nos anos 60, para dar espaço ao Santuário Nossa Senhora Aparecida.



Terreno onde será construído o Memorial Pe. Donizetti.



Museu "Casa do Pe. Donizetti"

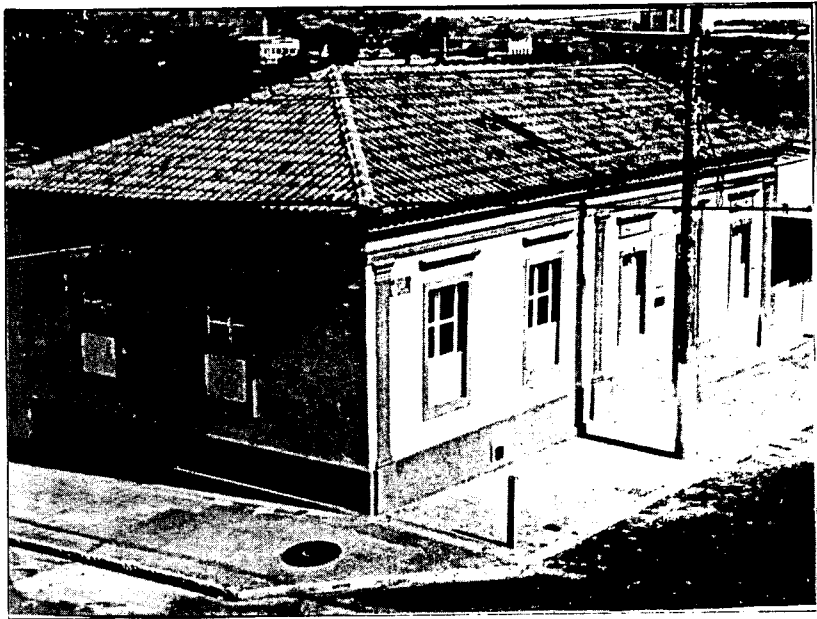
A antiga casa paroquial de Tambaú, onde morava o Pe. Donizetti, foi transformada em museu.

Apesar de ter perdido muito material, no Museu "Casa do Pe. Donizetti" ainda se pode ver grande quantidade de muletas, aparelhos ortopédicos, garrafas de bebidas, óculos, enfim, testemunhos do dom da cura que Pe. Donizetti exerceu - pelo poder de Deus - durante os últimos anos de sua vida, a partir de 1954.

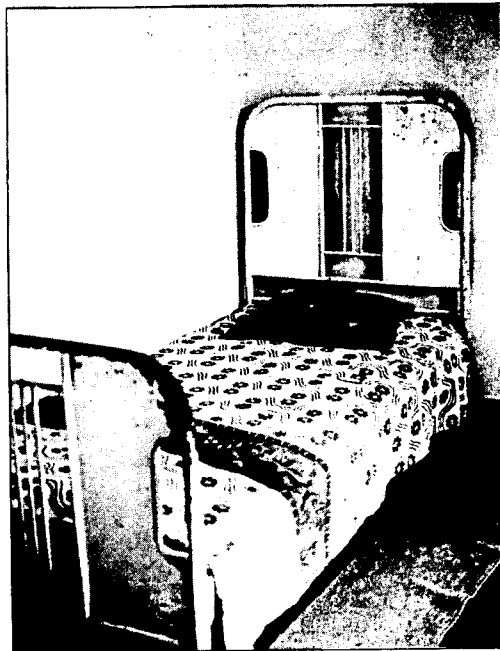
Atualmente, a Fundação Pe. Donizetti vem se dedicando à organização do acervo do Museu. O prédio foi recentemente reformado, os objetos pessoais do Padre estão sendo restaurados e os ambientes originais reconstituídos.

Alguns armários, um jogo de cadeiras estofadas, uma cadeirinha de palha, vestuário, um quadro a óleo da casa onde nasceu, retratos do Padre e de seus pais se espalham, esparsamente, pela casa. Os guardacomidas aguardam as louças e vidros que sobraram e que estão sendo catalogados. Outros objetos, como instrumentos musicais - presenteados ao Padre -, rádios, catiçais, vasos, artigos religiosos e até um sino terão o mesmo destino. Hoje, estas peças são consideradas verdadeiras relíquias.

A cama de ferro e a poltrona do Pe. Donizetti tornaram-se objetos de adoração. A parte remanescente do altar da antiga Igreja São José e a famosa imagem de Nossa Senhora Aparecida ocupam um cômodo extremo da casa, local onde os visitantes fazem suas orações, depositam flores, fotografias e doações.



Cama de ferro do Pe. Donizetti.



Louças e vidros





Fontes

Primárias

BAGNATO, Antonio (direção e redação). *Tambaú em revista*; Padre Donizetti Tavares de Lima. Tambaú, Gráfica São José, 1958. (26 p. / Ilustrado com fotos)

GRANDES milagres do Padre Donizetti Tavares de Lima em 1958. s/d. 32p.

JORGE, Fred. *A morte do Padre de Tambaú*; Padre Donizetti Tavares de Lima. São Paulo, Gráfica Editora Prelúdio / A. A. Lopes & Souza (Rua Ipanema, 478 - Fone: 9 3506), s/d. 32 p. (Ilustrado com fotos)

JORGE, Fred. *A última benção em Tambaú*. São Paulo, Gráfica Editora Prelúdio, s/d. 32 p.

JORGE, Fred. *Fé e Milagres em Tambaú*. São Paulo, Gráfica Editora Prelúdio, s/d. 32 p. (Ilustrado com desenhos de Smaga)

JORGE, Fred. *História fotográfica dos milagres de Tambaú*. São Paulo, Gráfica Editora Prelúdio, s/d. 32 p. (Fotos de Adolfo Barrera Filho - Foto Studio Adolfo, Rua Teodoro Sampaio, 2528, 2º andar, apto. 5, São Paulo)

JORGE, Fred. *Os milagres do Padre Donizetti*. São Paulo, Gráfica Editora Prelúdio, s/d. 32 p. (Ilustrado com desenhos de Smaga).

JORGE, Fred. *Os grandes milagres do Padre Donizetti da cidade de Tambaú*. São Paulo, Gráfica Editora Prelúdio, s/d. 32 p. (Ilustrado com desenhos de Smaga)

MILAGRES do Padre Donizetti Tavares de Lima de Tambaú, em 1956. Tambaú, 1956. 32 p.

NOVOS milagres em 1956 do Padre Donizetti Tavares de Lima, de Tambaú. São Paulo, Gráfica Editora Prelúdio, s/d (1958). 28 p. (Ilustrado com fotos) /

(2ª edição revista e ampliada) / (Nova tiragem, em 1991, patrocinada pelos vereadores da Câmara Municipal de Tambaú)

Arquivo de fotos e entrevista da Secretaria Pró-Beatificação do Pe. Donizetti.

Secundárias

BEDIN, Benedito. *Gazeta de Vargem Grande*, Vargem Grande do Sul: "No tempo do Pe. Donizetti - I", 13/6/1987; idem "II", 20/6/1987; idem "III", 4/7/1987; idem "IV", 11/7/1987; idem "V", 18/7/1987; idem "VI", 2/8/1987; idem "VII", 8/8/1987; idem "VIII", 15/8/1987; idem "IX", 22/8/1987; idem "X", 29/8/1987; idem "XI", 19/9/1987; idem "XII", 26/9/1987; idem "XIII", 17/10/1987; idem "XIII", 31/10/1987; "O santo Padre Donizetti - I", 29/1/1994; idem "II", 12/2/1994; idem "III", 5/3/1994; idem "IV", 2/4/1994; idem "V", 23/4/1994; idem "VI", 21/5/1994.

CÔNSOLO, Roque. "Os milagres do Padre Donizetti - IV". In *Gazeta da Grama*. São Sebastião da Grama, 5/8/1989. p. 2.

HADDAD, Antonio (pe.). *Padre Donizetti; O homem do povo sofrido*. Tambaú, Fundação Pe. Donizetti, 1980. 72 p. (2ª edição - 1985; 3ª - 1990; 4ª - 1995)

O PE. DONIZETTI (Órgão Oficial da Secretaria Pró-Beatificação). Ano I, nº 1, Tambaú, 12/1994. 8 p. / FUNDAÇÃO PE. DONIZETTI (Jornal informativo da / Jornal... Evangelização e difusão da cultura) nº 2, Tambaú, s/d., 8 p. / Ano II, nº 3, 6/1995, 8 p.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. "Tambaú, cidade dos milagres". In *Anhemi*, vol. XIX, nº 57, 8/1955, p. 493-414; vol. XX, nº 58, 9/1955, p. 48-69; vol. XX, nº 59, 10/1955, p. 269-288.

O MUNICIPIO

Fundado em 1906
Rua Irmãs Cáritas, 319, Caixa Postal 61
Fone - Fax (0196) 33 1666
CEP: 13870 - 000
São João da Boa Vista - SP

DIRETORES:

Joaquim Cândido de Oliveira
Vera Oliveira

EDITOR DO SUPLEMENTO:
Antonio Carlos Rodrigues Lorette

FOTOS E REPRODUÇÕES:

Luiz Carlos A. Giannelli

ARTE FINAL:

Rogério Sêda

REVISÃO DE TEXTO:

Ana Lúcia Finazzi

PUBLICIDADE:

Helen Fani Rodrigues Pereira

COLABORAÇÃO:

D. Dadeus Grings, Pe. Dante Donzelli, José Wagner C. Azevedo, Luiz Moacyr Barbin, Benedito Bedin, Zetti Cunha, Ely Costa.

